

**NIETZSCHE EDUCADOR E A AFIRMAÇÃO DA SINGULARIDADE**

***NIETZSCHE EDUCADOR Y LA AFIRMACIÓN DE LA SINGULARIDAD***

***NIETZSCHE AS AN EDUCATOR AND THE AFFIRMATION OF SINGULARITY***

Lúcia Schneider HARDT<sup>1</sup>

**RESUMO:** O artigo tem por objetivo explicitar o impacto de Schopenhauer sobre Nietzsche como um estilo de mestre, incorporando a singularidade como aquilo que a educação promove. Para contemplar esta tarefa e atualizar a reflexão para o nosso tempo, faz-se necessário enfrentar a tensão entre as demandas das instituições educacionais e a potência de um mestre na prática do seu ofício, a fim de buscar em cada estudante aquilo que ele tem de genuíno e original. Trata-se de um ensaio de abordagem qualitativa que reflete a trajetória formativa do próprio Nietzsche, capaz de promover sua condição extemporânea e enfrentar a cultura de sua época. Educar, formar-se, é uma tarefa que exige paciência, persistência, rigor, disciplina. Para isso, um mestre é necessário, de preferência, como nos indica Nietzsche, portador de uma serenidade admirável, cheio de um fogo forte e devorador para ser capaz de promover a singularidade do seu aluno.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nietzsche. Educação. Singularidade.

**RESUMEN:** *El artículo tiene como objetivo explicar el impacto de Schopenhauer en Nietzsche como estilo de maestro/profesor, incorporando la singularidad como lo que la educación promueve. Para contemplar esta tarea y actualizar la reflexión en nuestro tiempo, es necesario enfrentar la tensión entre las exigencias de las instituciones educativas y el poder de un maestro/profesor en el ejercicio de su oficio, a fin de buscar en cada alumno lo que él tiene de genuino y original. Este es un ensayo con un enfoque cualitativo que refleja la trayectoria formativa del propio Nietzsche, capaz de promover su condición extemporánea y enfrentar a la cultura de su tiempo. Para ello se necesita un maestro, preferentemente, como indica Nietzsche, portador de una serenidad admirable, lleno de un fuego fuerte y devorador para poder potenciar la singularidad de su alumno.*

**PALABRAS CLAVE:** Nietzsche. Educación. Singularidad.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis – SC – Brasil. Professora Titular. Doutorado em Educação (UFRGS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4939-0156>. E-mail: [luciashardt@gmail.com](mailto:luciashardt@gmail.com)

**ABSTRACT:** *The article aims to explain Schopenhauer's impact on Nietzsche as a style of master/teacher, incorporating the singularity as the crucial thing that education should promote. To contemplate this task and update the reflection for our time and context, it is necessary to fight the tension between the demands of educational institutions and the power of a master/teacher in the practice of his acting, in order to seek in each student what he has of genuine and original. This is an essay with a qualitative approach that reflects the formative trajectory of Nietzsche himself, capable of promoting his extemporaneous condition and facing the culture of his time. For this, a master is needed, preferably, as Nietzsche indicates, the bearer of admirable serenity, full of a strong and devouring fire to be able to promote the singularity of his student.*

**KEYWORDS:** *Nietzsche. Education. Singularity.*

## Introdução

Em que medida as instituições educacionais conseguem favorecer a singularidade em seus processos formativos? Considerando os debates e formulações de diretrizes para as instituições, para a definição de currículos, existe uma forte tendência em apelar para um mesmo padrão de formação para todos como condição para a democracia. Existiria nesse horizonte espaço para a diferenciação, para a singularidade? Para o genuíno? Afinal, aquilo que se constitui como genuíno em cada um não é fruto do acaso. A singularidade não acontece magicamente; como então não ser impedida quando a meta é o desenvolvimento de um suposto padrão que deveria ser alcançado por todos nas instituições educacionais? Como fazer da singularidade um objetivo pedagógico nas instituições?

Para compreender essa eventual falta pedagógica, precisamos retomar a perspectiva da modernidade e suas promessas. As narrativas de emancipação destacam um sujeito racional, consciente, voltado para uma dimensão do progresso e da valorização de um individualismo como recurso para a consolidação da liberdade. Uma narrativa com tempero metafísico e idealista. Para construir uma maneira diferente de pensar a formação humana, será necessário empreender uma crítica radical dos pressupostos metafísicos e, para tanto, recorreremos ao filósofo Nietzsche, que já indicava os indícios desta narrativa em seu tempo, e nessa direção encaminha sua crítica para pensar a formação humana para além do registro da lógica moderna. Sua crítica enfrenta seu próprio tempo (e por extensão o nosso tempo) e seu tema prioritário é a questão da cultura.

A cultura expressa e analisada nos textos de Nietzsche, considerando a atmosfera espiritual da Alemanha do século XVIII, parece ter muito a nos dizer hoje ainda. Na constelação das luzes, a ideia de formação e cultura acabam constituindo-se a partir de uma subordinação às exigências políticas do cidadão para a vida em sociedade. Cultura é assim um acúmulo de

conhecimento, o estabelecimento de uma performance de um indivíduo sintonizado com seu tempo, a serviço dele para gerar progresso, inserção no mercado de trabalho e inovação. A incorporação dessa perspectiva, para Nietzsche, ativa ao máximo o conceito de gregriedade, necessário para a sobrevivência humana, mas restrito a considerar os humanos para além dos rebanhos.

Para este filósofo, o desejo de massificação da educação já não tem mais um interesse próprio pela cultura, mas o gosto de formar “homens correntes”, úteis à sua época e integrados ao mercado e à produção, aptos a atender as demandas do Estado. Toda cultura que afirmasse outra dimensão tende a ser descartada e o desejo é aproximar o indivíduo do rebanho, impedindo qualquer singularidade que o levasse para outra direção que não seja a dimensão gregária. Instinto forte nos humanos, pois ele necessita da comunidade para sobreviver, mas para Nietzsche não pode impedir aquilo que pode ser mais genuíno em cada um. Tornar-se escravo do bem-estar, dos objetivos do Estado, empobrece qualquer formação humana e enfraquece a cultura. Nietzsche avalia que o indivíduo vem sendo educado para pertencer a uma totalidade e que ali estariam todas as metas a serem alcançadas. Qualquer desvio designa um perigo, portanto, todo acúmulo de conhecimento está dirigido para a preservação da sociedade. Indivíduos que anunciam outras possibilidades são desprezados. A sedução pela busca deste bem-estar vive entre nós, nem Nietzsche despreza esta necessidade. Contudo, é preciso cautela, pois toda segurança vem acompanhada pela presença de um espírito dominador e da exigência de uma obediência.

Neste cenário podemos compreender as conferências proferidas por Nietzsche, que compõem a obra intitulada *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*, entre janeiro e março do ano de 1872, onde o filósofo faz críticas à educação e cultura de sua época, tendo como foco os estabelecimentos de ensino e suas reformas educacionais. Nietzsche reflete sobre a educação de seu tempo e levanta uma série de questionamentos ao denunciar aquilo que ele define como a decadência dos processos formativos. Segundo o filósofo, seria necessário restabelecer os critérios de exigência, autoridade e obediência fundamentais para o conhecimento. Para ele:

Duas correntes aparentemente opostas, ambas nefastas nos seus efeitos e finalmente unidas nos seus resultados, dominam hoje os nossos estabelecimentos de ensino, originariamente fundados em bases totalmente diferentes: por um lado, a tendência de *estender tanto quanto possível a cultura*, por outro lado, a tendência de *reduzi-la e enfraquecê-la*. De acordo com a primeira tendência, a cultura deve ser levada a círculos cada vez mais amplos; de acordo com a segunda, se exige da cultura que ela abandone suas

mais elevadas pretensões de soberania e se submeta como uma serva a uma outra forma de vida, especialmente aquela do Estado (NIETZSCHE, 2003, p. 44, grifos do autor).

Tais tendências – a da extensão e a da redução – são o sinal de um descuido com a formação e, mais do que isso, um desconhecimento dos próprios desígnios da natureza. A cultura como força e expressão do original é oriunda do trabalho de poucos e seria um equívoco imaginar que ela seja fruto da massificação. Nestes termos, o jovem Nietzsche defende uma cultura pautada por um estilo próprio, capaz de sustentar o original de um povo, e, por isso mesmo, ter cautela com os propósitos da política.

Os homens raros enfrentam perigos e, por vezes, são excluídos, perdem prazeres básicos da vida, pois estão em busca de coisas mais elevadas que os perturbam; tal como Schopenhauer, pois ele sabia que para buscar coisas mais elevadas não seria possível ajustar-se às condições de seu tempo, render-se aos modismos, e para ele sempre esteve presente uma indagação: “No mais profundo do teu coração, dizes sim a esta existência? Ela te é suficiente?” (NIETZSCHE, 2003, p. 163).

A imagem de um povo, de uma cultura, não encontra um ponto fixo, ela é capturada de diferentes formas. O exemplo maior foi a diversidade de possibilidades no processo de apropriar-se de uma Grécia a partir de alternativas muito peculiares e diversas. Nietzsche apreciava o lado sombrio, mais vinculado às pulsões originárias. Formação, nessa direção, adquire sentido reunindo arte, cultura, natureza, passado e futuro para contemplar o presente como um desafio a ser enfrentado a partir de um legado recebido, de preferência nas instituições de ensino. Educar implica refletir o plano do individual, mas também cultural e histórico. O risco de evadir-se do presente é grande; por isso, a tarefa prioritária da formação é respeitar e cultivar a autoridade do pensamento por meio da cultura.

Em outros termos, Nietzsche criticava o princípio da profissionalização estendido às instituições, o que não nos dá o direito de sentenciá-lo como elitista, mas compreender efetivamente o que ele denuncia: as coisas devem ter nome e finalidade conforme suas especificidades: escolas técnicas, necessárias à sociedade, não são escolas de cultura e de formação. Aquilo que o mercado quer é diferente do que a cultura deseja cultivar. Neste momento, Nietzsche defende instituições que, inspiradas pela Grécia, almejem alcançar a totalidade da formação do homem, resistindo às armadilhas de uma especialização. Mais tarde, Nietzsche vai abandonar algumas posturas desta época, contudo, jamais vai abrir mão de sua crítica à especialização e redução da cultura aos interesses do Estado.

Nietzsche admite que muitas promessas e discursos universalizantes são um engodo, uma vez que prometem o que nem sempre conseguem cumprir. O desafio da proposta de Nietzsche em educação, afirmando que a opção por uma formação mais elevada, que em síntese promete mais dificuldades que alegrias, exige dedicação plena, e nenhuma garantia de reconhecimento. Isso seria motivo para “vulgarizar as exigências”? De forma alguma, afinal, afirma Weber (2011, p. 143): “respeitar e reconhecer a limitação linguística dos analfabetos não nos obriga a aceitar o analfabetismo como destino da humanidade”. Da mesma forma, segue Weber (2011), apontando que a dificuldade sempre presente no uso da língua não pode nos tornar condescendentes com o seu uso. Nesse horizonte está a defesa da educação em Nietzsche: a necessidade de encontrar mestres para estas tarefas, o que nunca significou desprezar outras alternativas.

### **A defesa da singularidade**

O que seria então uma formação não subordinada aos ditames do Estado? Nietzsche vai defender a necessidade da solidão, um afastamento de tudo que convoca o humano a ser presença em uma conjuntura já definida. Já nesse ponto a tão prometida liberdade moderna parece não ser contemplada, pois os pequenos sinais de discordância em relação à sociedade e aos tantos rebanhos nela configurados são considerados imorais. Podemos concluir que o instinto gregário contou com os processos institucionais e formativos para conservar-se no tempo e para dirigir os indivíduos a seus propósitos.

Nesse contexto faz sentido a expressão de Nietzsche – “*tornar-se o que se é*”, o que implica desprender-se do instinto de rebanho para assumir sua forma. Não existe um manual de condutas para seguir essa trajetória, implica ativar em si mesmo todos os recursos e não apenas a racionalidade. Não se trata de buscar um “eu verdadeiro”, mas ousar fazer experiências com o corpo compreendido como a grande razão, implicado por instintos e pulsões. Ser artista de si mesmo, criando e inventando sua própria vida. Um humano capaz de não apenas obedecer, ser hábil para selecionar o legado que recebeu pelos estabelecimentos de ensino e ter coragem para combater seu próprio tempo. Hierarquizar, calibrar aquilo que ainda pode ser preservado das normas do convívio sem perder a força para afirmar sua singularidade que, por vezes, o leva a viver solitariamente. Vale ressaltar que este indivíduo não é indiferente a sua comunidade, afasta-se para ativar forças e deseja voltar para compartilhar experiências e outros modos de viver. O homem singular consegue também ter outro convívio com a história, e o próprio filósofo tratou disso em suas obras. Destaca a ideia do esquecimento como necessário para a

criação. Esvaziar a memória considerando os excessos da afirmação de verdades que não se justifica. Uma formação que apenas exige a memorização, repetição do passado, sem deles tomar o direito à invenção, designa uma precariedade que pode ser superada pela educação.

### **Da falta de si para a singularidade**

Nietzsche na sua própria vida nos ensinou possibilidades de acesso a nossa singularidade. Ele próprio deixou-se conduzir pela atmosfera do romantismo, seduzido pela música de Wagner e tudo que a ele dizia respeito. Tornou-se um seguidor, adepto de um movimento que o consumiu por muito tempo. Em sua produção no período intermediário, especialmente em *Humano, demasiado humano*, Nietzsche consegue à distância analisar sua própria fidelidade a esse tempo e perceber que isso é também uma das causas talvez de sua enfermidade. Afinal, sugere nosso filósofo:

Em que medida a devoção obscurece – Em séculos posteriores, o grande homem é presenteado com todas as grandes características e virtudes do seu século – assim, tudo de melhor é constantemente *obscurecido* pela devoção, que o vê como uma imagem sagrada, em que são penduradas e expostas oferendas de todo tipo; – até ser enfim totalmente coberto e envolto por elas, tornando-se mais um objeto de fé que de observação (NIETZSCHE, 2008, p. 95, grifo do autor).

Por vezes, Nietzsche fala de si, mas fala de todos nós, sempre ainda devotos às demandas de nosso tempo, fiéis a algumas promessas ou adeptos de certas narrativas que nos seduzem e nos encantam para nos conduzir ainda a um modo estético-metafísico de olhar para a existência. Na devoção às narrativas, o que pode estar em falta é o “si mesmo”; pedagógico também é afastar-se, passar pelas privações de narcóticos educacionais, olhar para si mesmo, aventurar-se em criar experiências, tentar afastar-se das teias que desejam nos capturar.

A abordagem “*da falta de si*” está muito bem apresentada no texto de Adami (2016), quando avalia a própria caminhada de Nietzsche, que precisou voltar a si mesmo, decidir sobre o afastamento em relação à filologia. Seu desejo era mesmo ser filósofo, afastar-se do romantismo, afastar-se inclusive do seu mestre Schopenhauer para não perder a força do si mesmo e construir seu próprio destino. Nesses termos, Nietzsche fala do necessário, inclusive de sua doença, que exigiu uma alteração do olhar construindo uma nova crítica, agora dirigida a sua própria trajetória. E esse processo é infinito desde que tenhamos coragem para também enfrentar nós mesmos e nossas atitudes devotas tão frequentes na atualidade. Em que medida nossa configuração e formação pedagógica tem incentivado esta crítica de nós mesmos?

Nietzsche descreve a vida como imperfeita, em constante devir, inaugurando sempre novos movimentos, outros horizontes. Os humanos vivem no interior dessa tensão, desafiados a criar novas respostas, adequadas a novas circunstâncias. A tarefa humana, assim, implica encontrar novas medidas e valores capazes de dar prosseguimento à grande aventura que é viver. Nesse ponto, a história e aquilo que se revela pela prática do esquecer e do lembrar podem ser uma boa orientação que o passado pode oferecer para o presente. Esquecer implica afastar-se de questões já conhecidas e resolvidas para entregar-se a novos horizontes sedentos de outras respostas. Devemos evitar o risco de sempre repetir a mesma resposta, importa reconhecer os novos problemas e necessidades, experimentá-los, para efetivamente dar à vida a dignidade que merece. Contudo, importa também lembrar e analisar situações passadas para refletir sobre aquilo que, já experimentado, pode eventualmente nos ensinar na busca de novas respostas. De certa forma, diante de novos horizontes não estamos em plena obscuridade, temos como recorrer a uma tradição, da qual devemos cuidar para enfrentar experiências novas oferecidas pelo devir.

Como bem sugere Rangel (2009, p. 212-213):

As experiências já realizadas pelos homens ganham sentido a partir do enfrentamento sincero do presente, de uma entrega às novas configurações históricas, o que Nietzsche chama de atitude a-histórica. Vive-se primeiro e, depois, se necessário for, se busca, no diálogo com o passado, medidas capazes de orientação. O estudo do passado para a vida, aí reside a vantagem da ciência histórica. Enquanto vivemos bem sem o passado, devemos continuar longe dele, afirma Nietzsche, mas se encontramos dificuldades em lidar com os novos problemas que nos são oferecidos, incessantemente, pela vida, o apoio das experiências já realizadas é bem-vindo.

Quando então precisamos da história? Em que medida as instituições são responsáveis pela formação pedagógica nesta direção do entendimento da vida e da capacidade de lembrar e esquecer? Como o legado da cultura pode abrigar esta finalidade e sustentar também a função do mestre nas instituições?

### **Sobre as práticas institucionais – das necessidades coletivas para o direito à singularidade**

O Nietzsche jovem destaca a importância das instituições quando assumem o compromisso com a cultura, com a gestação e a criação do genuíno nos indivíduos. Deixar-se capturar pelo hábito, atender demandas mais imediatas, seguir modismos e tendências, revela o início de um processo de decadência. A reverência à cultura nas instituições deveria ser protegida, os indivíduos raros deveriam ser preservados, o que não significa a defesa de

qualquer elitismo no campo da educação. Trata-se sim da defesa de uma elevação espiritual oriunda da cultura. O que está em questão é uma espécie de “culto” à cultura, que protegida e consolidada na memória coletiva, necessita da educação para ser conhecida e divulgada para a sociedade.

Existe, nas instituições, um sentido histórico que sabe da necessidade da preservação da tradição, inclusive para ruminar as questões do presente. Não se pode recorrer ao passado para soterrar o presente; e nem desejar consolidar sentidos que não foram no passado plenamente vividos. Escapar do presente idealizando o passado é, em última instância, empobrecer a vida.

A II Extemporânea<sup>2</sup> – sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida – foi, antes de tudo, um ataque contra o historicismo, a condenação das visões científicas da história. O critério mais justo para abordar a história é a própria vida. A história pode ser muito relevante para a vida, mas pode ser também um discurso vazio. Assim, as instituições devem preservar a memória cultural do passado para garantir, pela educação e pelos processos formativos, que algo pode ser buscado no passado para construir o futuro. O próprio Nietzsche fez esta experimentação a partir dos gregos, ao destacar os princípios apolíneos e dionisíacos. Abusar deste olhar para o passado faz esquecer o presente e desprezar o futuro. Buscar o passado nunca implica repeti-lo, mas apropriar-se dele para pensar o presente. Quem pode criar as condições para esta tarefa?

Descuidar-se da cultura produz um adoecimento que impede que o legado cultural seja cultivado. Precisamos captar e decifrar valores de um povo e de uma cultura para compreender as forças ativas dos indivíduos em relação à sociedade. Nietzsche, assim, cria categorias para compreender as várias perspectivas da história e ressalta o valor da memória e do esquecimento, como já apontamos. Conhecer o passado já implica uma ciência, é uma metodologia de reflexão que deve ser mais destacada do que a compulsão em produzir quadros narrativos e descritivos pautados por causas e consequências. Nietzsche identifica três atitudes básicas em relação à história, posturas que podem servir à vida, enfrentando os desafios que sempre surgem, mas podem também servir a uma tendência a sacralizar o passado, imaginando assim encontrar proteção. Estamos neste ponto nos referindo à história monumental, tradicional ou antiquária e à história crítica.

A primeira versão de história nos desafiou a buscar no passado modelos para a ação, conhecer o que é exemplar para orientar-se em direção ao futuro. Nietzsche buscou estudar

---

<sup>2</sup> Neste ponto estamos nos orientando pela obra *Escritos sobre História de Nietzsche*, apresentada e traduzida por Noéli Correia de Melo Sobrinho (2005).

grandes indivíduos para entender como responderam a grandes desafios de seu tempo, sem criar com isso nenhum ídolo, pois não está em questão produzir uma história de heróis, mas aprender como, em épocas diferentes, o humano deu seu testemunho de originalidade no enfrentamento de questões vitais. Encontrar indivíduos singulares, não para imitá-los, mas para encorajar cada indivíduo a enfrentar sua história singular no tempo em que vive. Está em questão lembrar da força, da coragem como possibilidade humana. Isso se aprende também nas instituições, por meio dos processos formativos, sem deixar-se seduzir por uma história que apenas deseja revelar grandes indivíduos e seus feitos. A história existe para ensinar aos homens do presente que as turbulências da vida já foram enfrentadas em outros períodos, e que ainda podemos fazer isso com outras performances próprias de nosso tempo.

A história tradicional busca uma eterna origem de sua comunidade, como se ela estivesse travestida de luz e se revelasse como relíquia. Enfeitiçados pela sedução, não conseguem capturar os fenômenos históricos em toda sua profundidade. Aprisionados em excesso no passado e obcecados pela origem, seus representantes pretendem elaborar explicações: eles não têm interesse nos “grandes homens”, mas descrevem práticas, convicções, ideologias no interior das quais a vida se movimenta. É preciso cultivar ideias, símbolos e práticas culturais. Por outro lado, esta perspectiva da história descuida-se da reflexão sobre as próprias crenças, da necessidade de preparar-se para o novo, tende a estacionar em uma determinada tradição. Ela pode perder força nas travessias do devir, e assim deverá abrir espaço para outros sentidos e valores.

Por fim, a história crítica, que avalia as duas anteriores e indica alguns riscos. O passado pode ser uma armadilha, pode acabar soterrando o presente. A perspectiva crítica da história nega o passado sempre que ele ocupa em demasia o espaço na reflexão dos humanos. O passado não pode inibir a força no presente, fazer definhar a coragem e a originalidade no enfrentamento do que é novo e de outro modo já vivenciado. A dimensão crítica deve ser instigante, presente, forte, para impedir que os humanos fiquem subordinados aos heróis ou às tradições bem delineadas, desistindo daquilo que está colocado a sua frente como desafio.

Não temos como propósito nos debruçar sobre a *II Extemporânea* considerando toda sua profundidade, ela aqui está sendo ressaltada para afirmar uma das funções da educação nas instituições sob o ponto de vista de Nietzsche. E, para além disso, ajudar a refletir sobre a indagação necessária nesse texto: o que pode o mestre nas instituições?

*No texto Schopenhauer como educador* (NIETZSCHE, 2003), o destaque fica por conta da definição de quem é o mestre, quais suas principais características e como deveria ser, uma

vez que, operando pedagogicamente, levaria o indivíduo a assumir sua autoformação. Afinal, qual é esse embate entre os objetivos de uma instituição e o papel do mestre na formação dos indivíduos em busca do que é genuíno, original em cada um? Este texto pretende contemplar a reflexão sobre este problema e esta tensão: o que pode um professor no interior de uma instituição, considerando as demandas institucionais? O que eventualmente a instituição impede ou inibe na tarefa do mestre na direção de buscar o genuíno nos alunos?

Para compreender isso, poderíamos reunir duas insinuações de Nietzsche (2003), na obra *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*, quando o filósofo, em tempos de docência, afirma que não quer dedicar-se às questões administrativas nas instituições, deseja sim percorrer as profundezas da experiência e enfrentar os verdadeiros problemas da cultura, coisa que horários e quadros jamais vão garantir; deseja, mesmo com as instituições, gozar de um horizonte mais livre, e nesta defesa sabia que jamais poderia contar com os amantes da administração de horários e quadros de aulas. Pelo contraditório, Nietzsche (2003, p. 46) afirma no mesmo texto que em tempos de “homens sérios, a serviço de uma cultura inteiramente renovada e purificada” em algum momento a parte administrativa será muito importante, mas por outros motivos que as demandas atuais, por exemplo, para formar leitores calmos, “capazes de escolher e buscar as boas horas do dia e seus momentos fecundos e poderosos para meditar [...] não para escrever um resumo ou ainda um livro, mas para meditar!” (NIETZSCHE, 2003, p. 46-47). Leitores apressados corrompem a obra.

Um educador deve indagar a seu discípulo, e aqui reafirmamos a provocação de Schopenhauer (NIETZSCHE, 2003, p. 145): “No mais profundo do teu coração, dizes sim a esta existência? Ela te é suficiente?”. Segundo Nietzsche (2003), os homens raros, capazes de responder com firmeza a esta questão, demonstram algum tipo de desprezo àqueles que desperdiçam sua possibilidade de formação. Afinal: “homem que não quer pertencer à massa só precisa deixar de ser indulgente para consigo mesmo; que ele siga a sua consciência que lhe grita: “Sê tu mesmo! Tu não és isto que agora fazes, pensas e desejas” (NIETZSCHE, 2003, p. 139).

Assim, as narrativas indigestas que, por vezes, avaliamos no texto de Nietzsche, precisam ser contempladas pelos argumentos que ele mesmo nos oferece na defesa da função das instituições e de um mestre que efetivamente deseja educar. O desprezo por um leitor apressado, pela obsessão em resumir obras antes de compreendê-las, revela fortemente o desejo de enfrentar a submissão a um tempo já mergulhado no empobrecimento da própria reflexão. A felicidade e a boa formação não virão enquanto o indivíduo estiver subordinado “nas cadeias

da opinião corrente e do medo” (NIETZSCHE, 2003, p. 139). Por isso, afirma Nietzsche (2003, p. 139), que não existe na natureza criatura mais sinistra do que aquela “que foi despojada do seu próprio gênio e que se extravai agora a torto e direito em todas as direções”.

Impedir esse deixar-se levar a qualquer direção é tarefa do bom mestre. Ou como já anunciamos antes, um mestre deve evitar “*a falta de si*” em cada estudante. A pedagogia de um mestre sensível deseja encontrar estudantes capazes de fazer experiências, aptos a destinar a si mesmo um olhar crítico para reorientar-se infinitamente em direção a múltiplas possibilidades. Neste ponto, somos convocados como mestres também a pensar nossa prática, quando seguimos em demasia as demandas desenhadas pelas instituições. Nós, mestres, igualmente não podemos estar ajustados plenamente ao nosso tempo, afinal como não se deixar capturar pelas inúmeras direções que as instituições, por vezes, querem nos levar? Assim, uma boa expressão de um mestre fica indicado no texto de Nietzsche – *Schopenhauer como educador*:

Mas, ainda que o futuro não nos deixasse qualquer esperança, a singularidade da nossa existência neste momento preciso e o que nos encorajaria mais fortemente a viver segundo a nossa própria lei e conforme a nossa própria medida: quero falar sobre este fato inexplicável de vivermos justamente hoje, quando dispomos da extensão infinita do tempo para nascer, quando não possuímos senão o curto lapso de tempo de um hoje e quando é preciso mostrar nele, por que razões e para que fins, aparecemos exatamente agora. Temos de assumir diante de nós mesmos a responsabilidade por nossa existência, por conseguinte, queremos agir como os verdadeiros timoneiros desta vida e não permitir que nossa existência pareça uma contingência privada de pensamento. Esta existência quer que a abordemos com ousadia e também com temeridade, até porque, no melhor ou no pior dos casos, sempre a perderemos. Por que se agarrar a este pedaço de terra, a esta profissão, por que dar ouvidos aos propósitos do vizinho? É igualmente provinciano jurar obediência a concepções que, em centenas de outros lugares, já não obrigam mais. O Ocidente e o Oriente são linhas imaginárias que alguém traça com um giz diante dos nossos olhos, para enganar a nossa pusilanimidade (NIETZSCHE, 2003, p. 140-141).

A provocação de Nietzsche é muito desafiadora – afinal, por que razões e para que fins aparecemos exatamente agora? Por que este é o nosso tempo de vida? Temos de assumir diante de nós mesmos a responsabilidade por nossa existência, deixar fecundar nossa singularidade. Por que de repente nosso tempo é o tempo de uma pandemia, por que justamente agora estou sendo convocado a pensar a educação outra vez, criar novas medidas para o ensino, para a leitura, para seminários e eventos? Na esteira de Nietzsche, seria de nossa parte uma covardia aguardar, outra vez, a normalidade dos processos pedagógicos para então agir. Sem dúvidas, não desejamos estacionar no lugar em que estamos, mas certamente o impacto da “doença” produziu algo de genuíno em todos nós, na condição de mestre e também de discípulos.

“Teus educadores não podem ser outra coisa senão libertadores”, afirma Nietzsche (2003, p. 142). A formação “não busca membros artificiais, narizes de cera” (NIETZSCHE, 2003, p. 142), e em nossos tempos também não nos quer ver seduzidos pelos recursos tecnológicos que tanto necessitamos agora. Certamente, a tecnologia oferece novidades, está viabilizando a comunicação, as práticas docentes, eventos de grande repercussão teórica, reunindo pessoas de todos os continentes. Contudo, é preciso cuidar com as armadilhas. Em nosso tempo, estamos de certa forma impactados, assistindo instituições encantadas com a possibilidade de, por meio de uma tela, contemplar 100, 200 ou mais estudantes, afirmando que isso seria a nova sala de aula, reduzindo o número de educadores, convertendo a pedagogia em uma ferramenta que apenas administra imagens, quadros, horários, cores e itinerários pré-formatados. Precisamos ficar atentos, pois ainda que tomados pelo nosso tempo e necessitando de outros recursos para educar, não podemos esquecer que educação é libertação quando for também capaz de “extirpar todas as ervas daninhas, os dejetos, os vermes, que querem atacar as tenras sementes das plantas” (NIETZSCHE, 2003, p. 142).

Em tempos pandêmicos, precisamos, em alguma medida, cultivar nossa singularidade, arrancar de nós o genuíno, assim como cultivar isso nos estudantes para evitar que as ervas daninhas, os vermes, os dejetos, às vezes travestidos de cores, imagens e recursos tecnológicos acabem por instalar outra vez as duas tendências nefastas apontadas por Nietzsche: massificação e redução da cultura com prejuízo absoluto da formação.

Quando nos deparamos com as nuvens sombrias, diz Nietzsche, o melhor é lembrar de nossos mestres e educadores. Neste contexto, nosso filósofo lembra de Schopenhauer, o único mestre de quem ele se orgulha. Afirma Nietzsche (2003, p. 146):

Jamais tivemos tanta necessidade de educadores morais e jamais foi tão pouco provável encontrá-los; nas épocas em que os médicos são mais necessários, na ocasião das grandes epidemias, é então que eles estão também mais expostos ao perigo. Pois: onde estão os médicos da humanidade moderna que fossem, eles próprios, suficientemente firmes e sólidos nos pés, para que pudessem além disso aguentar um outro e o guiar pela mão? Um certo assombro, uma certa apatia, pesam sobre as melhores personalidades da nossa época, um sempiterno fastígio com esta luta entre a dissimulação e a honestidade que se trava no seu seio, uma inquietude que turva a confiança que têm em si mesmas - o que as torna totalmente incapazes de ser ao mesmo tempo, para os outros, os guias e os censores.

Encontrar educadores em tempos sombrios: condição necessária no enfrentamento do medo e dos perigos. E, além disso, encontrar educadores morais, pois não são as práticas educacionais, formais ou não, ações de fortalecimento e propagação de valores? E quais valores

são necessários em tempos sombrios? Dirá Nietzsche (na obra *Humano Demasiado Humano I*) que a educação deve ser conduzida pelo rigor da ciência e deve também abandonar sua submissão à religião. Neste ponto encontramos, dizem alguns, um Nietzsche “iluminista”, pois, conforme analisa Weber (2011, p. 66), “apesar do anti-iluminismo de Nietzsche, da sua crítica à ideia iluminista de progresso e melhora da humanidade”, a proposta de junção da ciência e da crítica à religião foi um dos projetos centrais do iluminismo reformista após a Revolução Francesa e, em alguma medida, nosso filósofo integra essa crítica quando discute educação. Existe em Nietzsche o componente corrosivo em sua crítica à moral, mas faz-se necessário realçar também as proposições construtivas da moral nietzschiana que o acompanharam por toda a vida, uma vez que o autor priorizava o debate em torno dos valores. A perspectiva moral também é um caminho para libertar o indivíduo da tradição quando ela se mostra como uma tirania coletiva. Neste ponto, outra vez, a história tem seu lugar.

Regras existem para nossa sobrevivência, mas devem sempre ser analisadas sob esta perspectiva, pois não existem valores em si e para sempre. Quando a estupidez de uma regra se revela, é preciso coragem e autonomia para alterá-la. Submeter-se a uma moralidade estúpida é abrir mão de nossa singularidade e impedir que algo de genuíno possa nascer em nós. Segundo Weber (2011, p. 71, grifo do autor), a obra:

*Humano, demasiado humano* é, ao juízo do próprio Nietzsche “[...] o monumento de uma crise. Ele se proclama um livro para espíritos livres: quase cada frase, ali, expressa uma vitória”. [...] O significado da figura do *Espírito Livre* tem forte relação, numa primeira acepção, com a crise de Nietzsche, mas também com a sua vitória sobre a incerteza – que esta obra erige em monumento. Portanto, possui relação com os movimentos de autossuperação do próprio filósofo. Há, também, um segundo sentido, este mais geral, em que o Espírito Livre figura como tipologia característica dos movimentos de liberação da moralidade dos costumes, uma etapa necessária, mas não suficiente, para a liberação da humanidade do império da vingança. Essas duas dimensões, embora distintas, são indissociáveis.

O espírito livre parece ser o fruto maduro da crítica já iniciada na juventude do filósofo e que é a expressão de sua própria originalidade. Pelo exercício do espírito livre, aprendeu a enfrentar e criticar a moralidade dos costumes e, também, criticar a si mesmo. O genuíno é pensar de modo diverso do que se esperaria considerando seu tempo, sua inserção social. Como diz Nietzsche, é preciso enfrentar o espírito cativo, preso a uma fé: o espírito livre busca razões para compreender o mundo. Paradoxalmente, a ideia do espírito livre em Nietzsche é também oriunda da ruptura com seu mestre, Schopenhauer, pois apesar de reconhecer nele um educador moral, percebeu ser necessário voltar a si mesmo, precisou da solidão, do afastamento do mestre

para produzir em si anos de experimentação para aproximar-se da vida outra vez, considerando sua mais genuína forma de pensar. De fato, como ele diz em *Assim falou Zaratustra*, “Retribui-se mal um mestre, quando se permanece sempre e somente discípulo” (*Assim falou Zaratustra*) (NIETZSCHE, 2010, p. 105).

Para pensar nosso tempo, é preciso ter cuidado e cautela com todos aqueles que por hora se apresentam como esclarecidos e capazes de toda a crítica a um tempo pandêmico. Existem ainda muitos enigmas a serem enfrentados por uma crítica capaz de preservar a lucidez de quem não quer ser regido pelo império da vingança.

Parece que isso Nietzsche (2003, p. 148) ainda aprendeu com seu velho mestre: “o estilo de Schopenhauer me lembra um pouco Goethe [...], pois sabe dizer sobre o que é profundo simplesmente, o que é comovente sem retórica e o que é científico sem pedantismo”. Neste caminho seguirá o próprio Nietzsche sua reflexão sobre a ciência, sempre valorizada, mas sempre sujeita a erros, a sucessivas revisões, uma vez que ela não poderia abrigar a verdade, aspiração indevida dos humanos, assim como o gosto compulsivo para julgamento e correção do outro. Sugere nosso filósofo uma tarefa difícil: defender a ciência sem pedantismo. Precisamos resistir a escritores medíocres que revelam uma alegria sem fôlego e sem curiosidade, tal como, para Nietzsche, era o pensador David Strauss.

Assim, Nietzsche (2003, p. 150) revela por fim o impacto de seu mestre sobre ele:

Ele é honesto porque fala e escreve por si mesmo e para si mesmo; sereno porque venceu pelo pensamento o que há de mais difícil, e constante porque assim deve ser. Sua força cresce reta e ligeira como uma chama no ar tranquilo, certa de si, sem tremer, sem inquietude. Em cada uma destas qualidades, ele encontra seu caminho sem que inclusive notemos que ele o tenha procurado; pelo contrário, como movido por uma lei da gravidade, ele aí se lança, firme e ágil, inexorável. E aquele que algum dia sentiu o que é, na nossa época de humanidade híbrida, encontrar um ser inteiro, coerente, móvel nos seus próprios eixos, isento de hesitação e de entraves, este compreenderá minha felicidade e minha surpresa quando descobri Schopenhauer: pressentia que tinha encontrado nele este educador e este filósofo que eu tinha por tanto tempo procurado. Porém, isto se dava certamente apenas através de livro, e havia nisso uma grande deficiência. Eu me esforçava cada vez mais para ver através do livro e para representar o homem vivo, de quem eu tinha lido o grande testamento e que prometia não escolher para seus herdeiros senão aqueles que quisessem e pudessem ser mais do que simples leitores: quer dizer, seus filhos e seus discípulos.

O que mais Nietzsche apreciou em Schopenhauer foi sua crítica e insubmissão às tendências filosóficas de seu tempo. Conheceu no mestre o direito à singularidade, à necessidade do autoconhecimento. Foi capaz, por meio desta aprendizagem, de pensar a oposição entre o individual e o coletivo, tão propagadas pela modernidade. Afinal, o singular

é, como diz Weber (2009, p. 253), “muito mais que o individual”. Afinal, como explicar que a singularidade é a exceção e a regra é o rebanho? É inevitável que estejamos inseridos em uma sociedade, marcando nossa presença individual. Contudo, ela não pode reduzir-se a ancorar-se no coletivo simplesmente, não pode abdicar de si, e afinal, por que é tão difícil ao homem manter-se na presença de si sem evadir-se de si mesmo?

A vida em sociedade exige uma uniformização dos comportamentos e dos valores, uma busca por proteção e segurança, e acabamos, muitas vezes, capturados por essa lógica. Weber (2009, p. 259) nos ajuda a pensar nesta direção e escreve:

Tememos o vizinho, como sugerido por Nietzsche no início do texto sobre Schopenhauer. Indispor-se com o próximo, com a comunidade, poderia implicar na ruína social. Assim, tanto a força da coerção social sobre o indivíduo quanto a sua covardia, associados à sua preguiça, são fortes condicionantes, criadores de inautenticidade, também chamada por Nietzsche de falta de estilo.

O indivíduo sem estilo não alcançou sua singularidade, não tem a virtude da força para enfrentar seu tempo e as regras estúpidas. O autoconhecimento preconizado por Nietzsche (2003, p. 260) será “a tarefa da águia, não da toupeira”, e cria uma nova relação do homem com o mundo, outra territorialidade com a suspeita. Implica debruçar-se sobre o interior e o exterior que constituiu o ser humano, fazer experimentos formativos consigo mesmo e com os outros. A libertação é um dos requisitos para alcançar a singularidade.

### **Considerações finais**

Enquanto educadores em nosso tempo, enfrentando tempos sombrios por motivos os mais diversos, e desejando enfrentar a tensão entre o que as instituições desejam dos humanos e o que um mestre pode fazer por estudantes, talvez cheguemos ao ponto neste artigo em que seja possível afirmar que a grande tarefa da educação implica descobrir e cultivar o ponto forte de cada um para aprender a calibrar e hierarquizar suas forças e impedir que uma delas aniquile a outra. Surgiria, assim, um ser forte, duro, autêntico e honesto com seu tempo e com os outros. Surge alguém que aprecia as disputas, sem desejar aniquilar ninguém, que deseja argumentar para testar seu pensamento, colocar em um tribunal os valores que nos regem para fazer pensar outra vez a vida e suas inúmeras possibilidades. Implica aperfeiçoar a moralidade em benefício da vida, liberar o homem da submissão ao coletivo, da vulgaridade dos modismos, da repetição sem reflexão de itinerários formativos já desgastados e empobrecedores. Por fim, não faltam

tarefas para quem deseja ser mestre e afirmar o direito à singularidade dos seres humanos em um horizonte múltiplo e aberto.

A educação, por fim, é um processo de autoeducação estimulado pelo mestre que deseja contemplar em cada estudante o cultivo do espírito livre, aquele capaz de fazer pensar assumindo todos os riscos. Qual o propósito? O interesse pela vida, o que implica conhecer nosso tempo, e por vezes, pensar contra ele. O Estado, como nos diz Schopenhauer, não é o fim supremo da humanidade, e insistir que o dever dos humanos seria servir ao Estado é uma estupidez. Será preciso – pela educação – enfrentar o empobrecimento da formação, a “barbárie cultivada”, o que não nos dá o direito de desejar aniquilar o outro quando este nos frustra e decepciona, mas enfrentar, por meio das instituições de ensino, o que de fato é tarefa da educação. Para isso, importa prioritariamente o indivíduo, cada aluno, afinal as coisas humanas são atraentes e podem despertar nele a busca pelo conhecimento. O fazer pedagógico deve capturar as virtudes de cada aluno, insistir para que elas se desenvolvam, educar inclusive para a solidão, uma vez que esse é um caminho viável para desviar-se de obrigações quando essas estão apenas comprometidas com o mundo do mercado e da burocracia estatal. (OLIVEIRA, 2013, p. 145).

Enfim, educar, formar-se, é uma tarefa que exige paciência, persistência, rigor, disciplina. Para isso, um mestre é necessário, de preferência, como nos indica Nietzsche, que seja portador de uma serenidade admirável, cheio de um fogo forte e devorador para ser capaz de nos lançar para fora de nós mesmos e outra vez pensar. As instituições educacionais com financiamento público devem constantemente trabalhar nessa direção, garantir que o rigor e a beleza do conhecimento instaurem uma luta contra a barbárie para “que nosso olhar sagaz para as coisas próximas possam indicar o quanto ainda nossa miopia impede um olhar mais apurado para o longínquo e o geral” (NIETZSCHE, 2003, p. 193), o que certamente nos conduziria a possibilidades formativas mais originais e criativas. Oxalá um dia o próprio Estado poderá surpreender-se com aquilo que surge e nasce nos estabelecimentos de ensino, nos quais os indivíduos de fato se insubordinem a serem apenas úteis e devotos, mas, pelo contrário, sejam capazes de consolidar olhares sagazes para seu tempo, contra seu tempo, enfrentando sua própria miopia e, assim, poderem efetivamente abrir-se ao devir, com a leveza de quem mantém-se curioso e comprometido com a vida e com a história.

**AGRADECIMENTOS:** Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio na realização da pesquisa em Nietzsche no campo da educação.

## REFERÊNCIAS

- ADAMI, J. D. **VIS CREATIVA**: A singularidade da vivência criadora no pensamento nietzschiano. Dissertação de Mestrado. 2016. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, PR, 2016. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/3052>. Acesso em: 14 abr. 2021.
- NIETZSCHE, F. **Escritos sobre educação**. Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino – III Consideração intempestiva – Schopenhauer como educador. Tradução: Noéli Correia de Melo Sobrinho. 2. ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.
- NIETZSCHE, F. **Escritos sobre a História**. Apresentação, tradução e notas: Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: ED. PUC; São Paulo: Loyola, 2005.
- NIETZSCHE, F. **Humano, demasiado humano**: Um livro para espíritos livres. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. v. 2.
- NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra, um livro para todos e para ninguém**. Tradução: Mario da Silva. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- OLIVEIRA, J. Educação como autolibertação na Filosofia de Nietzsche. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, Curitiba, v. 8, n. 19, p. 132-146, maio/ago. 2013.
- RANGEL, M. M. Sobre a utilidade e desvantagem da ciência histórica, segundo Nietzsche e Gumbrecht. **Revista Dimensões**, Goiabeiras, Vitória, v. 24, p. 208-241, jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2531>. Acesso em: 23 abr. 2021.
- WEBER, J. F. Singularidade e formação (Bildung) em Schopenhauer como educador de Nietzsche. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 251-264, maio/ago. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/RBBjHsBzwhGtcwrRVD4Q35m/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 08 jun. 2021.
- WEBER, J. F. Crítica à moral e educação: Sobre o espírito livre de Nietzsche. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 1, p. 65-74, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/848/84818591009.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2021.

### Como referenciar este artigo

HARDT, L. S. Nietzsche educador e a afirmação da singularidade. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 17, n. 4, p. 2776-2793, out./dez. 2022. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v17i4.16121>

**Submetido em:** 16/01/2022

**Revisões requeridas em:** 24/05/2022

**Aprovado em:** 07/09/2022

**Publicado em:** 30/12/2022

**Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.**  
Revisão, formatação, normalização e tradução.

